



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i1.8667760>

Artigo Original

“A várzea não morreu”: o significado sociocultural do jogo de futebol “Preto X Branco”

“*The Várzea didn’t die*”:
the sociocultural meaning of the soccer game “Black vs. White”

“*La llanura aluvial no está muerta*”:
el significado sociocultural del juego de fútbol “Preto X Branco”

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão¹ 

Antonio Jorge Gonçalves Soares² 

RESUMO

Introdução: Este texto, em homenagem à profa. Simoni Guedes (*in memoriam*), tematiza o futebol de várzea. Mais precisamente, a experiência cultural do “Preto X Branco”, jogo de futebol que ocorre na periferia de São João Clímaco, São Paulo capital, há cerca de 50 anos. As questões, as quais orientam este artigo são: qual a função simbólica do “Preto X Branco”? O que ele representa e inclui/exclui como distintivo de sua identidade? Quais laços sociais são criados? Quais seus ideais, reprodutores ou reinterpretativos da ordem dominante? **Objetivo:** Desse modo, os autores objetivaram interpretar que representação esse jogo de futebol da várzea paulistana traz para a comunidade que o promove. **Método:** Para tanto, foram tomadas como fontes 13 entrevistas de atores protagonistas do jogo, o documentário “Preto X Branco”, reportagens jornalísticas sobre o evento, além das percepções captadas pela observação participante do fenômeno “de perto e de dentro”. **Resultados:** Ao proceder à aproximação e adentramento no jogo, foi descoberto que se trata de um ritual de futebol realizado anualmente com o objetivo de afirmar os valores antirracistas, almejando-se sua promoção e preservação pelos guardiões da memória do “Preto X Branco”. Esse jogo que celebra a amizade de amigos pretos e brancos tem a mensagem simbólica de mostrar-se um coletivo cuja marca distintiva de sua identidade é o combate ao racismo. **Conclusão:** Para a comunidade que o realiza, o “Preto X Branco” revela as relações sobre as raças na cultura brasileira através da experiência cultural de um tradicional jogo de futebol radicado na várzea paulistana.

Palavras-chave: Futebol. Relações étnico-raciais. Racismo.

¹ Universidade Federal da Bahia, Departamento de Educação Física, Salvador-BA, Brasil.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

Correspondência:

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão. Universidade Federal da Bahia. Departamento de Educação Física. Avenida Reitor Miguel Calmon, Canela, Salvador – BA, CEP 40110-100. Email: bruno.abrahao@ufba.br



ABSTRACT

Introduction: This text in homage to the teacher Simoni Guedes (*in memoriam*) thematizes the Várzea soccer. In the case, the cultural experience of "Black vs. White", the soccer game which occurs in the São João Clímaco periphery, São Paulo. Capital, about 50 years ago. The questions that guide this article are: what is the symbolic function of "Black vs. White"? What social bonds are created? What are their ideals, reproducing or reinterpreting, of the dominant order? **Objective:** The authors aimed to interpret what this soccer game in the São Paulo Várzea represents for the community that promotes it. **Method:** Therefore, we took as sources 13 interviews of protagonists of the game, the documentary "Black vs. White", journalistic reports about the event, in addition to the perceptions captured by the participant observation of the phenomenon "from up close and from within". **Results:** When approaching and entering the game we discovered that it is a football ritual held annually with the objective of affirming the values that are promoted and preserved by the guardians of that group's memory. This game that celebrates the friendship of black friends and white friends has the symbolic message of showing itself as a collective whose distinctive mark of its identity is the fight against racism. **Conclusion:** For the community that promotes it, our interpretation is that the "Black vs. White" reveals the relationships about races in Brazilian culture through the cultural experience of a traditional soccer game rooted from São Paulo's Várzea.

Keywords: Football. Ethnic-Racial Relations. Racism.

RESUMEN

Introducción: Este texto en honor al prof. Simoni Guedes (*in memoriam*) se centra en el fútbol de la "Várzea". En este caso, la experiencia cultural de "Preto X Branco", un partido de fútbol que se desarrolla en São João Clímaco, afueras São Paulo Capital, desde hace alrededor de 50 años. Las preguntas que orientan este artículo son: ¿cuál es la función simbólica de "Preto X Branco"? ¿Qué representa e incluye/excluye como rasgo distintivo de su identidad? ¿Qué vínculos sociales se crean? ¿Cuáles son sus ideales, reproduciendo o reinterpretando el orden dominante? **Objetivo:** Los autores pretendían interpretar lo que representa este juego de fútbol en la llanura aluvial de São Paulo para la comunidad que lo promueve. **Método:** Para ello, tomamos como fuentes 13 entrevistas a protagonistas del juego, el documental "Preto X Branco", reportajes periodísticos sobre el evento, además de las percepciones captadas por la observación participante del fenómeno "de cerca y desde adentro". **Resultado:** Al acercarnos e ingresar al juego, descubrimos que se trata de un ritual futbolístico que se realiza anualmente con el objetivo de afirmar los valores que promueven y preservan los guardianes de la memoria de ese colectivo. Este juego que celebra la amistad de amigos negros y amigos blancos tiene el mensaje simbólico de mostrarse como un colectivo cuya marca distintiva de su identidad es la lucha contra el racismo. **Conclusión:** Para la comunidad que lo promueve, nuestra interpretación es que "Negro X Branco" revela las relaciones entre razas en la cultura brasileña a través de la experiencia cultural de un juego de fútbol tradicional arraigado en el fútbol de la "varzea" de São Paulo.

Palabras Clave: fútbol. Relaciones étnico-raciales. Racismo.

INTRODUÇÃO

Este artigo é uma homenagem à professora Simoni Lahud Guedes (3/08/1950-18/07/2019), autora de um dos capítulos do livro *Universo do Futebol*, organizado por Roberto DaMatta, o qual completa 40 anos de sua publicação em 2022. Naquele período, nessa pioneira obra, Simoni se ocupou do estudo sobre a várzea, lugar da experiência do futebol informal praticado no Brasil. Em “Subúrbio: Celeiro de Craques”, Guedes (1982) chamava atenção para o fato de que a pelada, denominação deste futebol praticado nas várzeas ou subúrbios da região Sudeste do Brasil, pode ser caracterizada como uma forma de socialização básica através do futebol, uma vez que nela ocorre o aprendizado não só das técnicas futebolísticas, mas também de valores éticos e de convivência com códigos presentes na estrutura do jogo (GUEDES, 1982). Naquela oportunidade, ela chamava atenção para o futebol como um fenômeno social que ocupa a vida de inúmeras pessoas “dentro de um sistema complexo de criação e interpretação de símbolos e práticas associadas, de modo algum desligado de outros aspectos socioculturais” (GUEDES, 1982, p. 61).

A várzea ou a pelada continua sendo perpetuada em espaços destinados ao lazer e à sociabilidade dos seus praticantes nos espaços urbanos remanescentes em decorrência do aumento da densidade demográfica e da especulação imobiliária, mas ainda habita a paisagem rural com campos destinados à vivência do futebol. A pelada é um espaço privilegiado de sociabilidade e pode ser lida sociologicamente como “instituição laica onde se aprende e se ensina noções elementares de fidelidade, honradez e pertencimento grupal” (DAMO, 2002, p. 50). Esse fato social faz aparecer esse outro futebol, “com seus personagens, suas memórias, narrativas, dilemas, paixões, enfim, [que] urge flunar pelos campos de futebol da nação, sobretudo pelos campos que, por diversas razões, não se enquadram nos padrões da International Board” (DAMO, 2003, p. 132).

Na história do futebol brasileiro, a várzea ocupa um lugar especial. Ela compõe o discurso identitário sobre o futebol nacional, local em que as classes populares aculturaram este esporte e desenvolveram técnicas corporais para o jogo. A várzea foi o lugar onde pretos, mulatos e brancos pobres, habitantes das margens das cidades em urbanização e crescimento, no início do século XX, encontraram um espaço de fruição corporal, de lazer e de sociabilidade. O discurso romântico toma o campo de terra batida, por vezes alagados, como elementos adicionais para dar inteligibilidade às habilidades corporais desenvolvidas pelos pés dos moleques pretos, mestiços e brancos pobres que corriam a chutar as bolas de capotão. Nesse sentido, a várzea é considerada o berço do futebol-arte cujo sucesso, segundo a leitura do jornalismo nacionalista, provém da apropriação pelos populares deste esporte aportado no Brasil e destinado às classes abastadas (SOARES; LOVISOLO, 2003).

Em consonância com Guedes, o “futebol cumpre funções simbólicas e sociais complexas, atualizando inclusões e exclusões, reforçando, criando e cortando laços sociais, atuando como mecanismo reprodutor e reinterpretivo de ideologias” (GUEDES, 1982, p. 74). Em outro texto, Guedes (2020) chama atenção para as formas específicas com as quais os objetos – no caso o futebol – são apropriados. Assim, cada povo ou sociedade produz uma específica visão de mundo, ou seja, “interpreta os fenômenos de qualquer ordem, por meio de uma chave, um código, gerado através da vida social que dá sentido e significado a tudo que o cerca (GUEDES, 2020, p. 293). Essa dimensão simbólica da cultura brasileira é revelada através do futebol, se tomarmos a leitura simbiótica entre esporte e sociedade acompanhando a perspectiva da antropologia social de DaMatta (1982, p. 23) que sugere que “o esporte está na sociedade e a sociedade está no esporte”. Como vivem juntos, o esporte é um produto da sociedade, logo, reproduz os significados simbólicos da cultura que o produziu.

A partir desse entendimento, há um jogo de futebol na várzea paulista que simbolicamente cumpre a função de revelar a complexidade do racismo no Brasil: o “Preto X Branco”. Trata-se de um jogo que ocorre desde 1972 e cria laços sociais através do futebol no bairro de São João Clímaco, no campo do Grêmio Esportivo Flor de São João Clímaco, sede e ponto de encontro deste clube que compõe o quadro do futebol de “várzea” da periferia paulistana. Programado para ocorrer em um dos domingos que antecedem o Natal, Preto X Branco é vivenciado por equipes compostas por jogadores que se autodeclaram “pretos” contra outros autodeclarados “brancos.

O jogo é reconhecido pelos seus pares como um “encontro de amigos” evidenciado em faixas e canecas de chope alusivas ao evento. Neste dia comemorativo, ocorrem, em média, quatro jogos, em que os jogadores participantes são divididos em função da idade e de critérios técnicos. Os organizadores se encontram aos sábados no Bar do Chuchu, local onde é destinado o tempo para assistir as partidas que ocorrem no campo em frente ao estabelecimento, beber cerveja e conversar sobre futebol. Logo, percebe-se que o futebol engendra uma rede de sociabilidade entre amigos, vizinhos e futebolistas, protagonistas do futebol amador e forma um mercado que subsiste em torno desse tipo de evento comunitário.

G.R. Flor de São João Climaco
37º Encontro entre Amigos
Dia 13/12/2009 das 07:00 às 16:00 horas



O EVENTO MAIS ANTIGO DE SÃO PAULO
 NESSA MODALIDADE

APOIO
 RAP HOOD

LOCAL: CDC PARQUE FONGARO
 RUA: PROF: SILAS BALTAZAR DE ARAUJO 220
 INFORMAÇÕES: 2351-0341
 IPIRANGA-SP

Figura 1 – Preto X Branco

Damo (2020) chama atenção para o fato de o futebol oferecer uma fonte de questões generosas para serem investigadas na medida em que através dele são extensos e multifacetados arranjos de identidades e alteridades. Adversários são parceiros essenciais, pois a disputa suscita a presença de um outro com quem e contra quem se joga. Assim, este jogo oferece um cenário privilegiado para observação dos dramas sobre a construção social das “raças” por meio de uma modalidade esportiva profundamente vinculada ao plano do lazer, ao modo de vida e às tradições da cultura brasileira. Logo, o “Preto X Branco” pode ser tido como uma espécie de ritual favorável para problematizar como se dão as relações raciais naquele contexto de sociabilidade e lazer das camadas populares em São Paulo.

Em *Festa no Pedaco*, Magnani (1996) trata sucintamente do futebol de várzea, da sua importância como gerador de eventos de lazer e entretenimento dos grupos populares no “pedaco”, entendendo-o como um “espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada em laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (MAGNANI, 1996, p. 138). O “pedaco” daquele grupo é o Clube da Comunidade Parque Fongaro, localizado, como já dito, em São João Clímaco, num terreno da prefeitura. Essa área dispõe de um campo de futebol society de grama sintética, vestiários, uma quadra de bocha, o Bar do Chuchu e o campo em que ocorre o

“Preto X Branco”, cujas dimensões são muito próximas das regras oficiais do futebol e que desde 2010 teve seu piso transformado em grama sintética, substituindo a terra batida e pouca grama observada em 2009. Nesse campo, pratica-se o estimado futebol de várzea. Em conformidade com Witter (1982), a várzea conserva, para além de campos de futebol de grandes dimensões e bem conservados, uma riqueza cultural sobre parte da sociedade brasileira. O jogo “Preto X Branco” ocorre nesse “pedaço” como algo próximo à “pelada” oriunda da matriz comunitária do futebol, conhecido como “futebol de várzea”, conforme a caracterização proposta por Damo (2003). Para o autor, a várzea deve ser objeto da história social do futebol.

Abrahão e Soares (2011) chamaram atenção para os sentidos na idealização do “Preto X Branco”. Na oportunidade, concluíram que seu surgimento remonta ao início da década de 70 do século XX, motivada pela necessidade de elencar um outro marcador social a fim de diferenciar os times e promover um jogo de confraternização ao final do ano civil. O primeiro “Preto X Branco” teria ocorrido em 1972, substituindo um “casados x solteiros” que ocorreu em 1971. A adoção do critério racial para diferenciação dos times e a composição do jogo “Preto X Branco” reforçou valores antirracistas, caros à constituição, à vivência e ao ethos do povo brasileiro. Em outra produção sobre o mesmo jogo, em 2012, os autores concluíram que o jogo revela o desejo coletivo de integração racial a partir dos temas “raça” e “racismo”. A celebração da amizade entre amigos “brancos” e “pretos” seria uma tentativa de superação do racismo via o humor e a pilhéria do debate racial através deste jogo de futebol.

O artigo em tela pretende trazer à baila a identidade e o significado sociocultural de um destes muitos “futebóis” do universo do futebol brasileiro. Tratamos das seguintes questões neste texto: qual a função simbólica do “Preto X Branco”? O que ele inclui ou exclui como distintivo de sua identidade? Quais laços sociais são criados? Quais são seus ideais, reprodutores ou reinterpretativos de uma ordem dominante? O que ele representa para São João Clímaco? Entendendo a antropologia como uma ciência em busca da compreensão dos significados culturais (GEERTZ, 1973), o objetivo deste artigo é interpretar o que este jogo de futebol da várzea paulistana representa para a comunidade que o promove.

MÉTODO

Inspirados na antropologia urbana para dar conta de uma dinâmica comunitária de forma mais precisa (MAGNANI, 2018), tomamos como fontes a oralidade dos protagonistas deste “outro futebol” que se empenham em preservar esta prática de sociabilidade enraizada na cultura local e a inserção etnográfica que aproxima o pesquisador do contexto em tela, realizando inserções naquela realidade, nos arranjos do jogo, no convívio com estes atores e na disputa propriamente dita.

Esses jogos de futebol entre autodeclarados pretos e brancos, de um país tradicionalmente visto como miscigenado, chamou atenção de variadas mídias que intencionavam divulgar a singularidade daquele jogo festivo e comunitário acionando o debate racial como conteúdo das matérias. A exemplo, citamos reportagens nas revistas *Trip*³ e *Placar*⁴, um documentário para a TV Cultura sobre o jogo intitulado “Preto X Branco”, dirigido por Wagner Morales e matérias jornalísticas nos jornais *Folha de São Paulo* e o *Jornal da Tarde*. As fontes compõem-se de 13 (treze) entrevistas com os protagonistas do jogo, o documentário supracitado, uma matéria publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* destinada à comemoração do aniversário de 456 anos da capital paulista e fotografias de arquivo pessoal.

Para interpretar o que este ritual simboliza para a comunidade que o promove, nos valem das proposições de Magnani (2018), ao afirmar que para acessar uma realidade urbana e periférica, é preciso descobrir nos interstícios certos arranjos que só são perceptíveis ao um olhar que classifica como “de perto e de dentro”. Nesse sentido, buscamos nos aproximar e adentrar ao Parque Fongaro, em São João Clímaco, São Paulo, capital, reduto do “Preto X Branco” da várzea paulistana a fim de captar o que ele significa para tal coletividade.

A participação dos sujeitos foi consentida através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, previamente aprovado pelo comitê de ética institucional da Universidade Gama Filho, sob o Protocolo n. 017.2007.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A VÁRZEA E O “PRETO X BRANCO”

Consoante Witter (1982), é comum ouvir, em diferentes locais e de diferentes pessoas – intelectuais, esportistas, estudantes, cronistas esportivos e homens do povo –, o lamento de que a “várzea”, expressão usada para caracterizar o futebol amador, teria sucumbido em consequência da especulação imobiliária e do crescimento desordenado que assola as grandes cidades do país. Apesar de todo esse quadro que favorece a erradicação da várzea, ela não morreu: “a várzea tem conseguido sobreviver porque ela é, acima de tudo, um estado de espírito. Por isso afirmo e reafirmo: a várzea não morreu e certamente sobreviverá a todos os obstáculos que a ela se impuserem” (WITTER, 1982, p. 102).

³ Braz, E. C. Preto Contra Branco: uma partida de futebol põe em xeque o preconceito racial no Brasil”, Revista *Trip*, número 110, s/d.

⁴ Revista publicada mensalmente pela Editora Abril, que, há 40 anos, dedica-se prioritariamente ao tema “Futebol”.

Diretamente ligado à experiência do futebol de São Paulo, o Parque Fongaro, lócus desse estudo, é um território ocupado pela várzea. A despeito de os campos de várzea de São João Clímaco terem perdido lugar para o conjunto habitacional de Heliópolis, fato que ilustra o crescimento nas grandes metrópoles, pode-se dizer que esse jogo, oriundo da várzea, resistiu à especulação imobiliária graças aos significados que essa prática da sociabilidade assume para os atores que ajudam a promovê-la. Esse valor do *ethos* varzeano é presente desde a sua idealização e segue até os dias atuais nos discursos sobre o “Preto X Branco”:

O importante de tudo isso, isso foi criado com o intuito de uma pessoa se manter a amizade, o relacionamento, o contato, porque quando foi criado isso aí tinha muita gente que mudava, morava longe. Agora tem amigos que moram longe que ligam, que vêm. É uma forma de você rever amigos. Tem uma homenagem antes de começar os jogos, isso é muito importante pra nós. [...] O que nós estamos querendo é isso aí, com tudo isso acabar com o racismo, não é acabar, é evitar. Nós temos amizades muito boa aqui, a gente quer mostrar pros outros aí que a gente pode viver em uma sociedade muito bem, independente de cor de pele. Aqui a gente se reúne e não tem esse negócio de grau de instrução, nós temos engenheiro, nós temos advogados, temos faxineiro, empregada doméstica, então a gente se reúne todo mundo, independente do grau social da pessoa, aqui todo mundo é uma coisa só. [...] (entrevistado 13).

Com efeito, uma primeira observação dos significados sobre este jogo está alinhada a este espírito de amizade que a várzea proporciona, segundo foi declarado pelos participantes. Os atores sociais afirmam que lá reina um espírito de participação democrática devido ao fato de ninguém ser excluído ou discriminado pela origem social ou cor da pele, pois, lá seria “uma coisa só” segundo suas noções de democracia. Assim, isso faz dele um evento muito aguardado pela comunidade, como salientou Luizinho no documentário “Preto X Branco”: “essa semana, em São João Clímaco, aqui no bairro, só se fala nisso, né, meu. E vocês que estão aí, para nós é um orgulho. A gente nem acredita que tá acontecendo isso na verdade” (MORALES, 2004). Tudo isso fez com que o “Preto X Branco” construísse uma história para narrar a tradição que se investiu neste evento.

Representa uma história, são 36 anos, né. [...] Existem outras entidades que aparecem aqui e fazem seus festejos esperando a coqueluche que é o Preto x Branco, né. (entrevistado 1).

Esse evento representa uma oportunidade de manter o convívio entre amigos que se conhecem há quase 40 anos:

Você chega aqui e vai ver pessoas que não vê há 30 anos, porque tem vez que o camarada não pode vir num ano, aí ele vem no outro. (entrevistado 4).

Além disso, esse jogo de futebol é idealizado e mantido, segundo seus organizadores, para a confraternização de pretos e brancos cujos valores já foram incorporados aos costumes e à tradição daquela comunidade. Sendo assim, o evento possui um sentido de festa, como salienta o entrevistado 9:

Pra mim representa o que a propaganda já diz: encontro entre amigos, é confraternização. [...] O significado já é famoso, né? Todo mundo lembra do "Preto x Branco", sabe o dia aí.

Dessa maneira, o "Preto X Branco" é uma oportunidade de congregação de pessoas próximas, mas que em função das histórias pessoais de cada um, foram morar distante daquele lugar de onde são oriundas. Participar do "Preto X Branco" é uma oportunidade de reencontro, como salienta o entrevistado 6:

Nesse dia aparece todo mundo. Brancos e Pretos têm muitos amigos que tá fora, eles vêm nesse dia porque sabem que vai encontrar todos os amigos aqui. Então é uma... é aquela festa, o que não aparecer é porque morreu ou ficou doente naquele dia, ou está viajando, nesse dia a maioria vem. [...]

As elaborações do entrevistado 8 dão um tom mais intimista e acolhedor àquele pedaço e sinalizam que o seu diferencial é o fato dele resistir à indiferença e ao anonimato que caracterizam o cosmopolitismo de uma metrópole como São Paulo:

Olha, eu acho difícil uma cidade como São Paulo. Tem um ambiente diferente, você vê que tá cheio de árvores, um ambiente gostoso, você vê, não se encontra mais ambiente assim. Quando eu vim aqui eu achei bem aconchegante, por isso que eu participo.

A sociabilidade proporcionada por aquele futebol também dá o tom da resposta do 4º entrevistado. Enquanto nos jogos de várzea pretos e brancos jogam no mesmo time contra outros pretos e brancos de outros times, o jogo ritual vivenciado anualmente era uma forma de criar uma atmosfera festiva para a confraternização próxima ao Natal.

A intenção dessa brincadeira que, graças a Deus, deu certo é a integração das pessoas. Então se reúnem pessoas de diversos pontos, lugares [...] Porque na várzea existe aquela rivalidade, porque existe, né, um time contra o outro, e a intenção era fazer uma festa onde todo mundo pudesse se integralizar.

Outro valor que traduz o significado do "Preto X Branco" é o fato do Grêmio Recreativo Flor de São João Clímaco homenagear um de seus protagonistas a cada evento anual. O homenageado de 2009 foi Lelo, identificado, segundo a faixa do evento fixada em frente ao Bar do Chuchu, como "a enciclopédia do futebol varzeano".

Além dessa lembrança, ele foi homenageado pelo G. R. Flor de São João Clímaco na caneca de chope comemorativa do 37º Encontro entre Amigos "Preto

X Branco” e pelo Sr. Wilson, o qual antes de começar o primeiro jogo do dia 20 de dezembro, o do Sucatão, referiu-se ao Sr. Lelo da seguinte maneira: “O maior jogador aqui do morro, que sempre colaborou com a gente aqui, tá aqui ó, Lelo. Palmas para ele!”, como escutamos essas palavras durante o evento na observação participante. Durante esse jogo Lelo disse que aquela foi uma das mais bonitas homenagens que ele já recebeu na sua vida. Nesse sentido, relembrar os mais velhos é um dos valores do “Preto X Branco”:

Pra mim é uma festa, assim, pra relembrar a velha guarda que é esquecida, que ninguém nunca lembra. [...] Então aquele dia é pra eles se encontrarem, entendeu? É uma festa imensa, a dizer que não existe racismo, a amizade de preto contra branco é uma amizade, mistura preto com branco. São tudo junto, numa cor só (entrevistado 2).

Além de resistir ao esquecimento e ter o nome gravado na memória do “Preto X Branco”, outro valor que o evento promove, desde sua idealização até os dias de hoje, é a contestação do racismo presente na sociedade brasileira. Vejamos o que disseram sobre o tema os entrevistados 2 e 7, respectivamente:

Aqui, ó, não é por nada, não, mas nós não temos essa de cores, não. Aqui, o relacionamento entre as pessoas aqui, olha, é... não tem, não tem. Você e o camarada abraçado aí, de certa forma uma relação, não tem cor. Aqui eu posso te garantir. É só amizade, rola brincadeira sadia muito bacana e que eu acredito que tenha toda uma sequência de vários anos fazendo porque realmente é uma coisa boa, né. Não pra mostrar que não existe preconceito, nem nada.

A preocupação em torno da questão racial também aparece no relato do entrevistado 12:

Eu acho muito legal. A data que todo mundo que vem aqui gosta. Às vezes a gente interpreta do lado errado, mas a gente não tem nada de mais, nada de errado. Pelo contrário, encontra amigos brancos, amigos pretos, todo mundo é igual.

Apesar disso, ainda que os participantes do “Preto X Branco” sejam unânimes em dizer que aquele evento é vivenciado sob uma atmosfera supostamente isenta de racismo e em clima de igualdade, as sutilezas do “preconceito à brasileira” acabam por revelar-se. O jogo dramatiza as marcas que são reconhecidas pelo fenótipo para identificar quem são os pretos e os brancos na cultura brasileira e, durante o evento, pudemos observar, em alguns momentos, a lembrança constante do binômio negro/mundo animal como manifestações admitidas naquele pedaço em tom de brincadeira que não deixam de evidenciar ritualmente as jocosidades que estão em jogo em nossa sociedade.

Os valores dessa vivência do lazer sugerem que os valores celebrados pelo “Preto X Branco” caminham na direção de afirmar esse orgulho nacional da

integração racial, mas não deixam de fazer emergir os dilemas que envolvem o racismo e a injúria racial em nossa sociedade. O ritual do “Preto X Branco” dramatiza a tensão do “racismo à brasileira” que reside na contradição da coexistência de um racismo inclusivo e excludente, no sentido de Telles (2003), presentes nas injúrias racistas que aparecem naquele pedaço. Desse modo, podemos dizer que o jogo reproduz a contradição do racismo da sociedade da qual eles fazem parte. Um racismo que, embora não assumido, é sempre presente e coexiste com o discurso identitário da democracia racial. Esse tipo de dilema pôde ser visto a partir das interpretações dos atores comprometidos com os jogos quando dizem que os “racistas são expulsos dos jogos” ao mesmo tempo em que há flexibilizações para “brincar” com as injúrias raciais. A mensagem ideológica dos jogos é que não admitimos o racismo no Brasil da “democracia racial”, ainda que ele exista de forma dissimulada ou recalcada e que seus reflexos persistam na vida privada de muitos daqueles que são identificados como pretos.

Além das fontes que mencionamos, outras instituições foram em busca desse evento a fim de melhor conhecê-lo e apresentá-lo à sociedade brasileira, através dos diferentes tipos de mídia. Afinal, o jogo se torna notícia em função de realizar um certame de pretos contra brancos que pode ser lido pela imprensa como um discurso que explicita uma tensão racial, a qual foi sempre escondida na sociedade brasileira. Todavia, tal tensão assume esse tipo de conflito apenas no título do jogo na medida que o espírito local é o da conciliação racial.

A imprensa está sempre aqui acompanhando, fazendo matéria, já foi o caso da Cultura, da Rede Globo, nós fomos entrevistados no Esporte Espetacular, uma matéria muito bonita na Cultura também apareceu. [...]. O Flor é muito conhecido por essa festa Preto x Branco, é muito conhecido em todo canto do estado de São Paulo, principalmente. [...] Eu não sou nenhum profissional, né, pra mim é o jogo mais importante do ano. Você não quer perder de jeito nenhum, então a gente se sente importante pela importância, pelo volume de pessoas que tá assistindo, torcendo, o histórico que tem. (entrevistado 10).

Durante o trabalho de campo, saiu uma matéria publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, comemorativa do aniversário de 456 anos da capital paulista. O caderno especial intitulado “A alma da metrópole” traz uma introdução interessante para repensar a cidade:

Uma cidade e sua gente: quer entender uma cidade? Tente começar por sua gente. Tende desvendar os mistérios, os quereres e as angústias de quem dá vida à metrópole. Tente captar a essência dos que dão feições a São Paulo, que a maltratam de vez em quando, mas que também a afagam⁵.

⁵ KULCZYNSKI, V. “Uma cidade e sua gente”, segunda-feira, 25/01/2010, Especial, H2.

O especial “garimpou”, segundo o próprio jornal, 25 histórias de pessoas cujas trajetórias se ligam por pequenas coincidências, tendo como cenário a cidade de São Paulo. Uma dessas trajetórias foi a do Sr. Luiz Antônio, apelidado de Índio, cuja maior satisfação é ser dirigente vitalício do Elite, um clube de várzea de Itaquera. O que mais nos chamou atenção foi uma pequena matéria de “canto de página” sobre o orçamento destinado ao futebol de várzea de São Paulo.

Melhorar o bom e velho Poeirão também rende voto:

A periferia paulistana preserva outra grande tradição além dos clubes como o Elite: o futebol de várzea. Segundo a Secretaria Municipal de Esportes, existem 622 campos na cidade e cerca de 1200 equipes disputam anualmente os grandes torneios do futebol amador de São Paulo. É tanta gente que, desde 2007, vereadores garantiram mais de R\$80 milhões em emendas no Orçamento municipal para reformar 300 desses campos. O grande número de eleitores beneficiados – 30 mil jogadores adultos, além dos pais das 100 mil crianças que disputam as categorias de base – faz crer que o investimento deverá valer a pena em 2010⁶.

A experiência na participação do jogo indicou que um desses campos beneficiados pelo orçamento da cidade de São Paulo seria o estádio Benedito Sapateiro, radicado no Clube da Comunidade do Parque Fongaro. Curiosamente, cerca de um mês e poucos dias antes da publicação dessa matéria, redigida com a finalidade de celebrar o aniversário da maior cidade do país, pôde ser observada uma situação que ilustra parte dos significados do futebol de várzea para a tradição local.

A edição de 2009 foi inicialmente agendada para o dia 13 de dezembro, mas os jogos não ocorreram naquele dia em virtude de uma chuva intermitente que deixou o estádio Benedito Sapateiro inviável para a prática do futebol. Fazendo jus ao título de “terra da garoa”, aquele dia amanheceu chuvoso em São Paulo e isso deixou o campo impossibilitado para ocorrência das competições. Visitamos o lugar do evento na esperança de que ele ainda pudesse ser realizado. Afinal, desconhecia as condições do campo em dia de chuva. Lá chegando, encontramos muitas pessoas do Clube da Comunidade, que perguntavam aos organizadores dos jogos: “E aí, vai ter jogo?”. “Vamos ver”, respondia o Sr. Wilson, na esperança de que as chuvas cessassem e o campo ainda pudesse ser restabelecido a tempo. Como isso não ocorreu, o evento foi cancelado naquele dia e ainda não sabíamos se e quando ele seria realizado.

Contrariando a tradição de 36 anos, pela primeira vez, o “Preto X Branco” correria o risco de não ser realizado? Não havia data para a realização da festa, uma vez que no domingo seguinte, dia 20, já estava agendada a festa da diretoria do Arapuá, instituição que compartilha com o Flor de São João Clímaco o Clube da

⁶ *O Estado de S. Paulo*, segunda-feira, 25/01/2010, Especial, H7.

Comunidade. Após esse dia já seria Natal e isso dificultaria congregar todo o pessoal para a festa. O que fazer? Questionado se os jogos não poderiam ser realizados nos campos de futebol society, situados ao lado do “bar do Chuchu”, ele, que é dono do estabelecimento, respondeu negativamente, como se a pergunta não coubesse. O comentário foi percebido como uma afronta à memória do jogo. Como poderia um jogo de futebol investido de toda a tradição como o “Preto X Branco” ser jogado num campo de futebol society? Mesmo sem os jogos naquele dia, a festa ocorreu normalmente. Roda de samba, bate-papo, cerveja e um sanduíche de churrasco eram os ingredientes principais. Durante a festa, chegou a resposta para o impasse em torno da data de realização dos jogos: eles ocorreriam no outro domingo, dia 20 de dezembro, após as festividades do Clube Atlético Arapuá.

Ainda no dia 13, a comunidade recebeu, durante a festa, a visita do vereador de São Paulo Dalton Silvano, o qual entregou aos presentes um envelope contendo uma emenda orçamentária que garantiria a instalação de grama sintética no campo do estádio Benedito Sapateiro, do Clube da Comunidade do Parque Fongaro. Nela se lê:



Informativo do Gabinete do Vereador Dalton Silvano - Ano IV - nº 021/2009 - Fone: 3396-4306 - email: daltonsilvano@camara.sp.gov.br

EMENDA ORÇAMENTÁRIA

DO VEREADOR DALTON SILVANO

GARANTE GRAMA SINTÉTICA

NO CDC DO PARQUE FONGARO

Finalmente, a obra do campo com instalação de grama sintética vai ser realizada em 2010.

Por problemas de caráter financeiro, essa benfeitoria não foi possível ser realizada em 2009.

Agora, mais uma vez, o vereador Dalton Silvano fez incluir no Orçamento de 2010 a Emenda Orçamentária nº 248, no valor de R\$ 700.000,00, custo aproximado para colocação dessa grama.

O engenheiro da Secretaria de Esportes já esteve no local e fez a medição do campo e o processo já está concluído e ficará aguardando apenas a liberação da verba para 2010.

Depois da grama sintética na quadra de futebol society, iluminação, mini pista de cooper, agora a grama sintética no campo. Esse é o trabalho e o carinho do vereador Dalton Silvano com a comunidade do Arapuá e do Flor, em torno do Parque Fongaro e moradores do bairro.

Vamos acompanhar o processo e trabalhar para liberação da verba o mais rápido possível em 2010.

DALTON SILVANO
Vereador

Figura 2 – Emenda Orçamentária.



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Vereador **DALTON SILVANO**

São Paulo, 28 de Agosto de 2009.

Ofício nº 0411/09 - 25º. GV.

Prezado Secretário,

Permitimo-nos indicar à essa pasta a inclusão do equipamento público desportivo, abaixo relacionado, para o próximo plano de obras a ser definido ainda este ano.

Esta indicação se baseia no fato de essas obras estarem previstas em programas passados e por problemas administrativos e operacionais não foram concretizadas.

A equipamento é o seguinte:

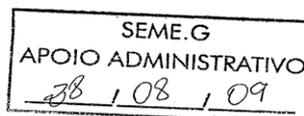
Subprefeitura	Discriminação	Valor Estimado
IPIRANGA	Campo de Grama Sintética CDC PARQUE FONGARO	750.000,00

À disposição para maiores esclarecimentos, aguardo um resultado positivo dessa demanda.

Sem mais, aproveito a oportunidade para enviar os meus protestos de elevada estima e consideração.

Atenciosamente,


DALTON SILVANO
Vereador



Ilmo. Sr.
Dr. WALTER FELDMAN
DD. Secretário Municipal de Esportes, Lazer e Recreação – SEME
NESTA

Viaduto Jacareí, 100 – 11º - ☎ 3396-4306 – E-mail: daltonsilvano@camara.sp.gov.br



Figura 3 – Câmara Municipal de São Paulo.

Efetivamente, os jogos são realizados mediante uma iniciativa privada de seus organizadores auxiliados por patrocinadores locais. As condições para que o futebol local se perpetue são também advindas do poder público que colabora com a manutenção da infraestrutura deste equipamento de lazer. A partir de 2010, o jogo "Preto X Branco" ocorreu já em um gramado com grama sintética, símbolo da modernização da prática tradicional do futebol de várzea. Com isso, o "Preto X Branco" estaria assegurado, não correndo mais o risco de não ocorrer em virtude de adversidades climáticas.

O fato de as práticas do futebol de várzea e festividades do "Preto X Branco" terem se tornado objeto de ações políticas revela os significados dessas vivências de lazer para a tradição da cultura local. Esses jogos reforçam símbolos de identidade étnica e nacional e o fato de ocorrerem anualmente permite enquadrá-los não apenas como uma festa, mas sobretudo como parte do patrimônio histórico

e cultural da cidade de São Paulo. O “Preto X Branco” dispõe de todos os predicados para isso uma vez que:

As festas, rituais ou celebrações, as formas de expressão diferenciadas, os modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades, os lugares onde se concentram e reproduzem práticas coletivas são práticas culturais que se tornaram passíveis de se tornar patrimônio, i. é, de se atribuir valor e significado que amalgamam grupos (CHUVA, 2002, p. 156).

Podemos ter o “Preto X Branco” como um ritual da dimensão do lazer vivenciado pela comunidade local através do futebol, no qual se observa a vivência de valores que pretendem, do ponto de vista ritual, vislumbrar uma experiência supostamente mais igualitária entre pretos e brancos, apesar de todas as contradições que ocorrem durante o evento. De uma forma ou de outra, o evento coloca em questão, como os recursos possíveis aos participantes, o racismo na sociedade brasileira diferente da ordem racista cotidiana, mesmo que durante o evento ritualisticamente alguns participantes emitam expressões racistas. Neste mesmo espaço, há de se destacar que injúrias racistas são vociferadas, em tom de brincadeira ou não, como aquelas que vinculam o preto ao mundo animal, associando-o ao macaco. Essas injúrias rituais presentes em algumas cenas, com certa jocosidade, acabam por revelar os dilemas de incorporação dos afro-brasileiros à tal sociedade e, ao mesmo tempo, problematizam, mesmo sem consciência, a desigualdade de status que vivenciam aqueles que são identificados como pretos.

Jogar futebol na várzea, sem qualquer tipo de distinção e depois tomar cerveja em uma roda de samba seria a “quintessência” do “ser brasileiro”, segundo as narrativas locais e aquelas construídas sobre as classes populares. Tal imagem está intimamente ligada à constituição da identidade nacional quando aciona integração do futebol com o samba e a cerveja. Boa parte da literatura jornalística e também sociológica naturalizou esse discurso sobre as afeições das classes populares pelo futebol, como uma forma de sociabilidade predileta dos habitantes dos bairros da periferia dos grandes centros urbanos, sem considerar as condições objetivas e subjetivas.

Estar “entre amigos”, jogar uma pelada na várzea e depois tomar uma cerveja num bar conversando sobre futebol é uma das atividades que os moradores da região do Ipiranga mais gostam de vivenciar nos seus momentos de lazer, segundo seus relatos. Todavia, o analista social deve pensar quais foram as oportunidades que tais grupos tiveram em vivenciar outras formas de lazer e divertimento. Lembremos que o “Preto X Branco” faz parte de uma festa de confraternização que reúne pretos, brancos, mestiços e demais membros que podem ser encaixados num *continuum* cromático de cores e etnias. Essa mistura, celebrada num campo de futebol de várzea na qual todos os participantes são reconhecidos indistintamente, reforça o ideal da democracia racial ao mesmo

tempo que os participantes se colocam críticos ao racismo. DaMatta (2010) chama atenção para o fato de que no Brasil opera a lógica do “diferente, mas junto”. O “Preto X Branco” se alinha a este pensamento na medida em que se colocam as identidades de pretos e brancos na cultura brasileira para disputarem juntos, mas em times diferentes, uma partida de futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol brinca com as percepções de pertencimento e alteridades e mexe profundamente com nossas emoções. (GUEDES, 2020, p. 306).

Em suma, ao nos aproximarmos e adentrarmos no jogo, descobrimos que ele se trata de um ritual que se pretende agregador no qual as disputas pela construção social das identidades de pretos e brancos no futebol e na sociedade mais alargada ganham vida. Por isso, as discussões e os embates em torno dessas identidades no jogo são tão acalorados e emotivos: elas tocam os pertencimentos primários, aqueles fundados da família, raça e etnia. Realizado anualmente com o objetivo de afirmar os valores que são promovidos e preservados pelos guardiões da memória daquele grupo, o ritual do “Preto X Branco”, radicado na periferia de São João Clímaco, tem a função simbólica de reforçar valores antirracistas, ao mesmo tempo que cultiva o ideal da democracia racial, caros à constituição, à vivência e ao *ethos* de nossa sociedade.

Sendo a cultura um processo dinâmico de produção e de afirmação de valores modernos cujo objetivo reside em superar os tradicionais já enraizados nos costumes locais, a celebração da amizade entre amigos “brancos” e “pretos” e a afirmação coletiva da ausência de qualquer tipo de discriminação são valores que o grupo busca afirmar e incluir como distintivos de sua identidade bem como são repassados pela cultura local através da vivência desse jogo ritual entre as gerações locais. As representações pejorativas associadas ao preto, que surgem neste espaço ritual, são ameaças à identidade deste grupo. Por isso, seus guardiões são tão vigilantes quanto à exclusão de qualquer indício de racismo. O combate ao racismo num jogo que divide amigos pretos e amigos brancos tem a mensagem simbólica de mostrar-se um coletivo que se coloca a discussão sobre este tema controverso na sociedade brasileira.

Para a comunidade que o promove, nossa interpretação, após vivenciá-lo de perto e dentro, é que o “Preto X Branco” revela as relações sobre as raças na cultura brasileira através da experiência cultural de um tradicional jogo de futebol radicado da várzea paulistana. Nele, o antirracismo convive com o ideário da democracia racial e representa metaforicamente para tal comunidade que o preto e branco devem ser vistos como iguais, não apenas em campo, mas sobretudo

fora dele, no jogo da vida social. A várzea segue viva graças a experiência das peladas vivenciadas pelo futebol comunitário espalhado pelos subúrbios das cidades e espaços rurais em nosso país, tal como o jogo de “Preto X Branco” perto de completar seus 50 anos de vida na cidade de São Paulo.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Antonio Jorge Gonçalves Soares - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Futebol e diversidade cultural: Investigando os sentidos da idealização dos jogos “preto x branco” em São João Clímaco/SP. *Espaço Plural*, v. 14, n. 29, p. 338–360, 2000. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10437>. Acesso em: 20 out. 2021.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Futebol e Lazer: Uma Análise sobre o “Racismo à Brasileira” através dos Jogos “Preto x Branco”. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, v. 15, n. 3, set. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2012.709>. Acesso em: 20 out. 2021.
- ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
- CHUVA, Marcia. *Patrimônio imaterial: práticas culturais na construção de identidades de grupos*. In: Contribuições e reflexões para educação patrimonial. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002.
- DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990.
- DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec, 2007.
- DAMO, Arlei Sander. Futebol e Antropologia. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Ed.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973.
- GUEDES, Simone Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. In: DAMATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- GUEDES, Simone Lahud. Sentidos, significados e rede de relações em torno do futebol: exemplos analíticos. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Ed.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia. In: *Na metrópole*. Magnani, J. C. & Torres, L. de L. (Orgs.). São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1996.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor; SPAGGIATI. *Lazer de Dentro e de fora: uma abordagem antropológica* (Orgs). São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.
- MORALES, Wagner. *Preto X Branco* [filme-documentário]. São Paulo: TV Cultura, 2004.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003

WITTER, José Sebastião. A várzea não morreu. In: Meihy, J. C. S. (Org.). *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.

Recebido em: 01 dez. 2021

Aprovado em: 03 jun. 2022

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

